

# CIBERLITERATURA: APLICABILIDADES DA HIPERMÉDIA NAS TEXTUALIDADES DO GÊNERO LITERÁRIO EM MEIO DIGITAL

Nara Rubia Gomes Duarte Xavier

## Introdução

Hipertexto. Hiperficção. Poesia digital. Ciberliteratura. Literatura interativa. São termos recentes que podem gerar dúvidas quanto a sua utilidade e eficiência a muitos profissionais da educação. No entanto, tais vocábulos fazem parte de um universo que está presente na vida de educadores e de seus respectivos alunos: a tecnologia. Já não se pode questionar que ferramentas tecnológicas de informação e comunicação não colaboram com a produção técnica e intelectual da sociedade, a qual se encontra hoje como moderna, tecnológica, digital e interativa.

Caracterizada desta mesma forma, encontra-se a literatura, pois a partir da possibilidade que o leitor e o autor encontram de romper com a obrigatoriedade do verso linear e convencional e do cumprimento da língua padrão em textos literários, as perspectivas do fazer literário se multiplicam. Recursos como cores, formas e texturas, próprios das artes visuais passaram a compor a produção de textos que ganharam novos meios e suportes como o cartaz, o panfleto, as paredes, os muros e a tela do computador. Com a hipermédia, tais perspectivas têm aumentado, promovendo ao ato de escrever particularidades específicas e o encontro de multissemoses.

Assim, no contexto em que a sociedade encontra-se, entre *e-books*, *tablets* e *IPads*, a leitura ganha um novo prestígio, principalmente para o público que vê surgir nas telas termos como *Ciberliteratura*, *literatura gerada por computador*, *infoliteratura*, *texto digital*, e *poesia de invenção*. No entanto, nem tudo o que atravessa o ambiente virtual é, de fato, pensado para ele. O simples ato de transpor uma obra para o meio eletrônico não se trata de *Ciberliteratura*, por isso, faz-se necessário entender e estabelecer a relação que os *cibertextos* mantêm com a linguagem não-verbal e contemplar todos os recursos disponíveis para a sua criação, desde a cisão entre as multissemoses até o método criativo, decorrente do uso da informática, em que o computador é utilizado como manipuladode signos verbais e não apenas como mero armazenador e transmissor de informação, Barbosa (2003, p. 4-5)

Esta particularidade, referente à manipulação de signos, deve-se ao fato de que todas as possibilidades oferecidas pela hipermédia exercem um poderoso papel na produção, recepção e difusão da literatura. Modifica-se assim a forma como os autores escrevem suas obras e como os leitores recebem e propagam-nas, ou seja, aos escritores promovem-se

elementos estéticos e literários como visualidade, expressividade, materialidade e linguagem plurissígnica. Ao leitor, este constrói a sua sequência de leitura e sente-se, conseqüentemente, estimulado a ler e interpretar todos os contextos possíveis, criados a partir de um processo de transposição semiótica enriquecedor e abrangente, tornando o ator de ler muito mais eficiente por partir do uso de diversas mídias e não apenas do texto verbal escrito ou impresso, (BARBOSA, 2003).

Diante disso, veem-se mudanças na maneira de ler, produzir e fazer circular textos na sociedade; o leitor e o autor já conhecidos cedem lugar ao *lautor* (ROJO, 2013, p. 20); um novo leitor que, segundo Chartier (1998, p. 88-91), “não é mais constrangido a intervir na margem, no sentido literal ou no sentido figurado. Ele pode intervir no coração, no centro.” O *lautor* se vê diante de oportunidades em que o texto virtual modifica as relações entre leitura e escrita, podendo, estas, se elaborarem ao mesmo tempo, em um mesmo suporte, Beadouin (2002 apud ROJO, 2013, p. 20). Assim, têm-se, diante do texto antes estático, interatividade, oriunda de recursos provenientes da Ciberliteratura, os quais se distanciam do molde à Gutemberg em seu paradigma clássico e linear de leitura. Dispõem-se agora, além de uma estrutura com semântica plural, caráter processual e modelo hipertextual, a interatividade, que recebe o leitor como produtor de sentidos. E como resultado da cisão destas especificidades, surge outra: a universalidade de uma obra por meio da ubiquidade; esta, por sua vez, faz referência ao fato de um texto estar em toda parte ao mesmo tempo, o tempo todo.

Ainda sobre tais textos, Neitzel (2006) defende que a leitura dos mesmos por meio do virtual pode ativar as percepções do leitor em relação ao texto literário, pois tal experiência faz uso da imagem que, às vezes, vem acompanhada do som e do movimento; elementos, os quais, ampliam as possibilidades de compreensão e de sedução ao leitor diante da leitura, cujos protocolos são alterados pela manipulação do leitor, que, por sua vez, torna-se emancipado em meio a este contexto de criação literária, a qual pode surgir sob um número indeterminado de significados, de acordo com o uso que o leitor faz da palavra no processo de produção do texto. Ademais, “a literatura gerada por computador é literatura do fluxo, do móvel, do instantâneo, do universal, do interativo” (MOURÃO, 2001, p. 1), retificando a ideia de que “a palavra é significação, espessura, tatilidade, animação, cor, sombra e som”. (SANTOS, 2003, p. 79). Sobre esta união entre várias linguagens, entre elas a visual, “a possibilidade de pensar, agir, interagir e intervir por meio de imagens garante as condições estruturais e estruturadoras para se construir formas de aprendizagem, conhecimento, comunicação que sejam intrínsecas à via figurativa”, (MEIRA, 1999, p. 136).

Sob essa vertente de multissemiose, hipermídia, plurissignificação e mudança paradigmática de atuação do autor e do leitor, faz-se uma observação de que o trabalho literário oferecido nas escolas brasileiras de ensino fundamental e médio não condiz com a modernidade do século XXI, pois

“conduz o aluno a uma “leitura apassivadora”, repetitiva, sempre à espera de uma meta determinada, de algo que pode ser diretamente localizado no texto-referência e simplesmente decodificado pelo aluno-leitor, ao invés de conduzi-lo a uma “leitura ativa”, questionadora, crítica, que valorize os alunos como leitores e sujeitos cognoscíveis” (FILIPOUSKI, 2006, p. 333)

E como consequência, tem-se uma rejeição ao ato de ler já que reconhece nessa tarefa uma ato mecânico que privilegia respostas às perguntas: o feito ao fazer; o resultado ao processo, construindo assim uma grande lacuna na leitura, a qual vem sofrendo constantes mudanças, aceleradas pelos avanços científicos e tecnológicos. Com efeito, no sentido de buscar e promover qualidade, modernidade e prazer no ensino de literatura nas escolas, propõe-se, neste artigo, o estudo das textualidades presentes na poesia experimental do *web-poeta* Rui Torres, a qual possibilita o leitor se colocar conscientemente diante da contemporaneidade e da hibridização, fusão de gêneros diferentes como poema e pintura; vídeo e poesia que se demarcam em mídias convergentes, fazendo surgir uma “produção intermídia, pois quando dois ou mais meios discretos se fundem conceitualmente, eles se tornam **intermídia**”, Higgns (1984 apud SILVA, 2010, p. 7). Nessa perspectiva, ocorre uma espécie de simbiose entre o computador e o autor, pois a máquina se envolve no processo de criação como elemento ativo de produção semântica no texto literário a partir do material informado pelo autor.

Desta forma, aquilo que é fornecido pelo compositor é alterado pelo PC por meio de uma linguagem binária. Obtêm-se, então, como resultado, dados diferentes do que fora anteriormente indicado, tornando o texto um gênero alterado, híbrido.

## **1 A literatura digital: interfaces do texto literário**

A poesia auxiliada por recursos tecnológicos virtuais traz aspectos relevantes que despertam o interesse e a preocupação de estudiosos pelo hipertexto, o qual pode ser visto como elemento representativo de comunicação na modernidade, pois na hiperficção, a narrativa é desenvolvida segundo uma estrutura em labirinto e a intercessão do leitor determina um percurso de leitura único que não finda a totalidade dos percursos possíveis no campo de leitura, (BARBOSA, 2013, p.4-5).

Sob este aspecto, o hipertexto é contemplado como elemento representativo por se caracterizar como multimodal ou multissemiótico, ou seja, trata-se de um “texto composto por muitas linguagens (modos, ou semioses) e que exige capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar” (ROJO, 2013, p. 19). Exemplos de hipertextos podem ser encontrados em meio verbal como jornais, revistas, gibis, tabloides etc; e, principalmente, em meio digital no computador, o qual se manifesta como um recurso responsável por dar *materialidade* à poesia, ou seja, a máquina com seus *softwares* agregam som, cor, movimento, textura e profundidade ao texto estático, promovendo a este uma nova roupagem para os vocábulos por intermédio de uma união entre aspectos verbais, visuais e sonoros; assim, por meio desta união, produzem-se simbiose e hibridismo.

Nesse sentido, revela-se uma poesia com elementos técnicos e específicos, que suscita especificidades ao texto literário verbal de forma que este se torne um texto digital com vastas possibilidades de trabalho, as quais não podem ser contempladas em uma folha de papel, mas em plataformas virtuais de aprendizagem como a página do *PO-EX* e do *blog Poemário*, desenvolvidos pelo poeta Rui Torres com a finalidade de promover exercícios de releitura pelo processo da *escrileitura*<sup>1</sup>, o qual impulsiona a escrita criativa em meio virtual.

Esta perspectiva de poesia digital possibilita o estudo das viabilidades de um novo léxico e de novas concepções teóricas capazes de adentrar a construção do conhecimento científico pela realização de projetos, cunhados no sistema hipermídia e promove ainda capacidades de criação e recriação do discurso por meio do computador como recurso semiótico no tratamento do texto sob o olhar da *Ciberliteratura*; ou seja, em meio eletrônico, responsável por uma efetiva *edição-rizoma*<sup>2</sup>, o leitor entra em contato com um “texto animado, interativo e multimídia” (TORRES, 2004a, p. 321-28) capaz de descentralizar a “hierarquia linear e reconceitualizar a dimensão gráfica do texto” (SANTAELLA, 2012, p. 236).

Assim, o trabalho literário virtual contempla uma tridimensionalidade no texto por meio da expansão dos signos, da espacialidade, da visualidade e da simultaneidade da informação, o que pode ser sintetizado na expressão *joyceana verbivocovisual*<sup>3</sup>, caracterizadora da poesia concreta, modalidade inaugurada nos anos 1950.

<sup>1</sup> Neologismo formado pela justaposição das palavras 'escrita e leitura'.

<sup>2</sup> Torna “imediatamente acessíveis todos os testemunhos textuais, manuscritos, datiloscritos e impressões, assim como suas “transcrições e interpretações”” HOFFMAN (1994 apud SANTOS, 2003, p. 69)

<sup>3</sup> Conceito criado por James Joyce, poeta irlandês (1882 – 1941).

A poesia concreta promove ao texto a especificidade de se organizar o texto no papel, explorar o fenômeno da simbiose entre o signo e o espaço na construção textual e negar o modelo fixo de produção de literatura. O poema, que era apenas lido, passa agora a ser visto; “nesse formato, a poesia apresentava uma linguagem concisa e objetiva e o poema concreto era feito para ser visto como um todo homogêneo e fragmentário” (SILVA, 2010, p. 6)

Destarte, e prevendo a dinamicidade e o fragmentário próprios da contemporaneidade, os concretistas realizaram um trabalho minucioso ao darem expressividade à poesia experimental com elementos líricos, verbais, visuais e sonoros. Tal trabalho deu luz à *Ciberliteratura*. Assim, faz-se relevante destacar que, em meio a hipermídia, concretiza-se, pelo processo de transposição didática, várias textualidades, configurando três tendências textuais:

a) Poesia Animada por Computador que, na continuidade da poesia visual, introduz a temporalidade na textura frequentemente multimidiática da escrita em movimento na tela do PC; b) a Literatura Generativa que, mediante "geradores automáticos" apresenta ao leitor um campo de leitura virtual constituído por infinitas variantes em torno de um modelo; c) a Hiperficção - narrativa desenvolvida segundo uma estrutura em labirinto, firmada na noção de hipertexto, dentro das dimensões do hiperespaço, em que a intervenção do leitor vai determinar um percurso de leitura único que não esgota a totalidade dos percursos possíveis no campo de leitura (SANTOS, 2003, p. 5)

Tais tendências configuram-se como práticas de criação literária que buscam oferecer subsídios no intuito de se efetivar maneiras didáticas e pedagógicas às novas incitações que surgem no decorrer do ensino de literatura. Nesse contexto, objetiva-se disseminar pesquisas teóricas e prático-pedagógicas de poetas que, por meio do projeto *PO-EX - Poesia Experimental Portuguesa: Cadernos e Catálogos*, reproduziram em moldes digitais exemplos da poesia concreta e visual luso-brasileira, interligados à Poesia Experimental no *blog*: <http://www.po-ex.net>.

## **2 Transposição didática e *escreitura*: meios para textualidade virtual**

O cinema, a televisão, o rádio e a entrada no mundo virtual levam à constatação de que a sociedade contemporânea está imersa na era da informação; de imagens interativas; uma era de discursos multifacetados; de interatividade, concebendo assim um cidadão denominado como *Homo Zappiens*, o que se designa por ser os “primeiros seres digitais” que “cresceram em um mundo onde a informação e a comunicação estão disponíveis a quase todas as pessoas e podem ser usadas de maneira ativa” (VEEN; WRAKKING, 2009, p. 29). Assim, o *Homo*

*Zappiens* atua, em meio a textos verbais, não-verbais e verbo-visuais não como um corriqueiro leitor ou receptor de informações, mas sim como um coautor daquilo que lê ou recebe. Esta habilidade é justificada pelos inúmeros meios interativos que um *Zap* dispõe para ler, inferir, compreender e produzir conhecimentos de maneira rápida e simultânea, permitida pela capacidade de *zapear*, ou seja, de trocar constantemente o foco de atenção entre múltiplos textos, circunstâncias ou dispositivos eletrônicos variados instantaneamente.

Sob este paradigma, as novas formas de comunicação vieram ao encontro das novas condições de produção artística e literária. No entanto, professores se veem diante de um desafio entre os muros de uma escola ainda tradicional, em que a leitura é, muitas vezes, empregada como um exercício monótono e descontextualizado da realidade do aluno. Além disto, tecnologias de informação e comunicação são, às vezes, subutilizadas, deixando assim de se explorar projetos de literatura virtual, os quais podem ser oportunidades para aproximar os estudantes da literatura e das particularidades de um texto híbrido, cuja especificidade maior é encontrar-se entre a literatura e a arte plástica e visual.

Por conseguinte, sem descartar os clássicos, é imprescindível que a escola atraia o aluno *zap*, para a nova era da literatura, a qual promove mudanças na função do leitor, que se tornou protagonista do processo por se configurar de modo ativo, um hiperleitor, um leitor de *hipertextos*, o qual é capaz de propor várias formas de acessibilidade, diagramas norteadores, *links* direcionadores e mapas conceituais conectados linear ou não linearmente; obedecendo ou não uma hierarquia.

Por meio do hipertexto, o texto virtual, concebido por muitos como algo fluído, leve e abstrato, torna-se concreto e *palpável* diante da tela de um computador que permite a transposição de um texto verbal para o virtual, reiterando uma regalia adquirida, no século XIX, em que o escritor passou a manusear as palavras livremente, desprovido de normas ou padrões. Hoje, o leitor interage com um texto dando a este uma nova roupagem; uma nova carga semântica; uma nova relação morfossintática; o que se pode chamar de *experimentalismo literário* promovido pela “Literatura Gerada por Computador (LGC), antecipando desse modo os processos de transformação e transposição que uma transição da página impressa para o meio digital possibilita”, (TORRES, 2004b, p. 10-11).

Nesse âmbito de liberdade e transposição didática, várias textualidades podem ser concretizadas, pois a leitura e escrita virtuais tornaram-se uma atividade de aproveitamento estético e aprendizagem muito mais produtiva sob o ponto de vista pedagógico, comparada à atividades vinculadas a papel e caneta. Como exemplificação, fulgura o poeta Rui Torres com sua produção experimental, em que a transposição da palavra à imagem e a do texto verbal à



vocabulares, compondo textos em ambientes virtuais ou *ciberlugares*, os quais passam a ser espaços de interatividade, produção artística e construção coletiva de leitura e escrita, à luz do conceito de “Inteligência Coletiva<sup>4</sup>”. Ao se entrar em contato com tal experiência de construção virtual de textos, o leitor depara-se com elementos da virtualidade como a linguagem, que pode ser sonora, visual, verbal, cinética ou todas ao mesmo tempo; com as estruturas sintática, semântica, espacial e temporal; com o suporte, com os gêneros textuais em forma de hibridismo; e com a mensagem, além das suas próprias impressões. Desta feita, no *blog Poemário*, os leitores produzem releituras de poesias e têm a oportunidade e divulgá-los, instantaneamente, *on-line* no próprio *site*, oportunizando interatividade entre autores e leitores, além de entrar em contato com o diálogo que há entre as multissemiões e a convergência de mídias na construção de gênero híbrido.

Além de toda estas especificidades de Rui Torres, os poemas podem ser explorados em sua estrutura semântica, fonológica e sintática. Assim, ao se analisar o poema original e uma versão do mesmo, um estudo exploratório do vocabulário escolhido pelos autores pode ser analisado, pois as palavras que surgem à tela, para serem escolhidas, ao *click* do *mouse*, fazem referência ao conto *Amor* da escritora Clarice Lispector; desta forma, os vocábulos são expressões retiradas do próprio conto. Um aspecto importante é o nome *ana* com letra minúscula; apontando como se ela não se sentisse importante ou se anulasse diante do mundo. Os sons do poema conseguem envolver o leitor em um processo de introspecção de forma que ele mesmo se torne o eu-lírico do poema. A sintaxe, por sua vez, leva a uma observação de que existe uma preocupação em aproveitar o espaço do papel. Nesses casos, pode-se valorizar a questão da intencionalidade do autor, pois embora não havendo uma aparente relação semântica intratextual, há sentido entre os elementos que constituem o texto de forma implícita; e por isto, é possível contemplar o material em uma dimensão relativa à comunicação de uma mensagem qualquer.

#### **4 Considerações finais**

Algo evidente e consolidado no decorrer da evolução literária é que sociedade contemporânea vem sendo marcada pela complexidade da vida moderna, que impele aos leitores novos gêneros textuais. Ademais, há uma ascensão e consolidação da *cibercultura*

---

<sup>4</sup> “partilha de funções cognitivas, como a memória, a percepção e o aprendizado por todos via meios de comunicação que, segundo Levy (2009 apud PERSIVO, 2009, p. 1), ‘podem ser melhor compartilhadas quando aumentadas e transformadas por sistemas técnicos e externos ao organismo humano’, referindo-se aos meios de comunicação e à internet” (2009, p. 1).

que disponibiliza, em novas esferas virtuais, convivência e aprendizagem, processos dinâmicos de interatividade e práticas colaborativas, as quais se propagam pelas virtualidades da internet.

No entanto, não foram apenas mudanças sociais que ocorreram; o leitor, o livro impresso ou digital e a leitura tiveram sua evolução reconfigurada em vivências de interação, as quais ocorrem em ambientes virtuais ou não e que possibilitam às pessoas se somarem, mesmo com objetivos diferentes, e se expressarem sincrônica e anacronicamente, no intuito de produzir novos tipos textuais e experiências ímpares de escrita como a *escrileitura*, que ditam o poder de recriar e operacionalizar concomitantes ligações, independente de alguma ordem linear, promovendo emancipação do leitor, que passa a *desenhar* o seu próprio caminho no intuito de desvendar e enriquecer o processo da leitura e da escrita.

Tais experiências se multiplicam a cada dia e apresentam além de reconstruções nas estruturas morfossintáticas, grupos imagéticos, constructos culturais e ideológicos de uma esfera social que transformam e direcionam a leitura e a escrita a inéditos caminhos no intuito de produção e apreciação do conhecimento e da estética inerente a uma forma multimodal de redigir, que supera paulatinamente os limites da página impressa e promove um leque de atividades digitais, contemplando aspectos como visualidade, materialidade e reversibilidade na literatura, ao se transpor um texto à tela.

Isto posto, vivencia-se o ato comunicativo e a linguagem via redes interativas e virtuais, o que acabou por volver os limites existentes entre o autor e o leitor do texto e afetou também as produções poéticas, que passaram de algo estático a algo interativo, simultâneo, ubíquo e instantâneo. Assim, nesse domínio de produções modernas, faz-se presente o diálogo intermediático, ilustrado pela Ciberliteratura produzida por poetas luso-brasileiros integrantes de um tempo que esmera o fazer poético, preservando, por outro lado, a tradição e suas importantes colaborações, pautadas em uma tendência clássica, acadêmica e formal.

Desta feita, no âmbito da criação poética virtual, produções experimentais de Rui Torres abriram espaço à interatividade por meio da hipermédia, reforçando inúmeras possibilidades de composição estética e literária. Tal reforço reiterou o diálogo multissemiótico entre estas esferas; e assim, faz-se necessário admitir que os significantes poéticos possuem materialidade semântica e se manifestam no nível da expressão, o que contribui para uma complexibilidade de planos em que o verbal, o visual e o sonoro atuam mutuamente, promovendo o *verbivocovisual* presente desde o início no texto experimental.

Como um elemento discursivo, as relações semânticas existentes em um poema virtual indicam novas posturas frente ao ato da leitura do texto; pois no decorrer das reflexões deste

texto, observou-se que a *Ciberliteratura* faz uso de ferramentas específicas do meio digital como a convergência de mídias, a fragmentação do texto, as múltiplas linguagens e a interatividade para a produção de textos. Portanto, o ler e o escrever, em suas materialidades impõem revisitações na relação leitor e texto, numa época cada vez mais fluida, interligada à *web* que disponibiliza uma gama fértil de oportunidades e múltiplas textualidades em seu contexto.

A despeito dessas considerações, o que se pode perceber é que a *Ciberliteratura*, inserida na *cibercultura*, contribui com a formação de leitores do lirismo como um gênero capaz de promover um trabalho da linguagem sobre si mesmo, considerando que esta faz-se presente em toda a organização estrutural do currículo escolar. Nesse sentido, a *Ciberliteratura* contempla a leitura multissemiótica por meio da hipermídia além de abordar os recursos constitutivos do gênero poético em meio virtual, rompendo o paradigma de que, em sala de aula, somente aulas expositivas, leitura de textos didáticos e a escrita em língua padrão e em linguagem formal têm espaço.

Assim, como as inovações fazem-se presentes no cotidiano da sociedade moderna, tem-se a indispensabilidade de buscar ferramentas inovadoras como os meios midiáticos para se ter leitores participantes voltados a uma leitura que contemple no âmbito dos signos as novas peculiaridades oferecidas pelas tecnologias de informação e comunicação, visando a um objetivo diferenciado na comunicação humana, “o grande magma dos sinais digitais para onde tudo converge e de onde tudo diverge, *sinais virtuais* lado a lado com sinais materiais referencialidades originárias de mundos de síntese, novos algoritmos de pensamento percepção e sinalização”, (BARBOSA, 2003, p.1 /grifo do autor/)

## 5 Referências

BARBOSA, Pedro CIBERLITERATURA: O Computador como Máquina Semiótica, 2003. Disponível em: < [http://www.ciberscopio.net/artigos/tema2/clit\\_06.pdf](http://www.ciberscopio.net/artigos/tema2/clit_06.pdf)> Acesso em: 20, ago. 2013.

CANCLINI, Nestor. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CASTRO, M. Ernesto. *Uma transpoética 3D*. Separata do N. 27 de Dimensão, Uberaba-MG, 1998.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro – do leitor ao navegador*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. □

CORAZZA, Sandra. *Os cantos de Fouror: escreitura em filosofia-educação*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS e Sulina, 2007.

FILIPOUSKI, Ana. Para formar leitores e combater a crise de leitura na escola: acesso à poesia como direito humano. 2006. Disponível em: <<http://www4.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista39/art22.pdf>> Acesso em 05, jun., 2014.

FINIZOLA, F. Poesia Concreta Contemporânea - Novas Interferências do Meio Digital. 2004 Disponível em: <https://www.corisco.net/.../Poesia%20Concreta%20Contemporanea.pdf>. Acesso em: 05, fev. 2010.

LEVY, Pierre. *A Inteligência coletiva* – Por uma antropologia do ciberespaço. (trad. Luiz Paulo Rouanet) São Paulo: Editora Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_. *A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. (trad. Maria L. Homem e Ronaldo Entler) São Paulo: Ed. 34, 2001.

MOURÃO, José Augusto. A criação assistida por computador. 2001. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/jmourao/criacao.htm>> Acesso em: 12, set. 2013.

NEITZEL, Adair de Aguiar. Ciberliteratura: arte ou armazém? *Revista Contrapontos*, vol. 6, n. 2, mai/ago/2006.

PERSIVO, S. *A inteligência coletiva*. 2009. Disponível em: <<http://silviopersivo.blogspot.com.br/2009/08/inteligencia-coletiva.html>>. Acessado em 02, jul. 2014.

ROJO, Roxane. ALMEIDA, Eduardo de Moura. *Multiletramentos na Escola*. São Paulo: Parábola Editora, 2014.

\_\_\_\_\_. "Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos". In: *"Escol@conectada: Os multiletramentos e as TICs"*, 2013, ed. 1, Parábola Editorial, Vol. 1.

SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço: o perfil do leitor imersivo*. São Paulo: Paullus, 2005.

\_\_\_\_\_. Para compreender a Ciberliteratura, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/>> Acesso em: 24, maio, 2014.

SANTOS, Alckmar Luiz dos. *Leitura de nós*. Ciberespaço e literatura. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.

SILVA, Débora C. S. Textualidades digitais e ensino de literatura. 2010. Disponível em <[http://www.letras.ufg.br/uploads/25/original\\_2013\\_anais\\_v\\_encontro\\_internacional.pdf](http://www.letras.ufg.br/uploads/25/original_2013_anais_v_encontro_internacional.pdf)> Acesso em: 05, jun. 2014.

TORRES, Rui GOUVEIA, Luis B.; GAIO, Sofia (orgs) *Poesia em meio digital: algumas observações*. Porto. Edições UFP. 2004a.

\_\_\_\_\_. Transformação, transposição e variação na Ciberliteratura de Língua portuguesa, 2004b. Disponível em <[http://telepoesis.net/papers/trans\\_ciberlit.pdf](http://telepoesis.net/papers/trans_ciberlit.pdf)> Acesso em 29, maio, 2014.

\_\_\_\_\_ *Poesia experimental e ciberliteratura: por uma literatura marginalizada*. Porto, UFP–PO-EX., abr/2008. Disponível em: <<http://www.po-ex.net>>. Acesso em: 06, ju. 2014.

GAIO, Sofia (orgs). *Sociedade da informação: Balanço e implicações*. Porto: Edições UFP, 2004. p. 321-28.

VEEN, Wim; WRAKKING, Ben. *Homo Zappiens: educando na era digital*. Porto Alegre: Artmed, 2009.